



Melgacense

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO—Rua da Calçada

Proprietario e director, — José Ferreira Las-Casas

Impresso nas officinas d'O ALTO MUNHO—Monsão, rua do dr. Alvaras da Guerra n.º 29-24

Editor—Alfredo Fernandes Pereira

Guerra aos monopolios e ganancia audaciosa

O consumidor e os pequenos productores estão ameaçados de morrer de fome, senão reagirem por todos os meios ao seu alcance contra os monopolios e syndicateiros que, representados por grandes millionarios e poderosas companhias, agarraram, não só em Portugal como tambem nos outros paizes, o fornecimento dos generos mais necessarios e essenciaes á vida, e os materias indispensaveis para a transformação do trabalho em obra ou productos.

Hoje com a mira nos grandes lucros, monopolisa-se tudo.

Depois ha os monopolios oficialmente reconhecidos como taes, por exemplo: das accendalhas, do tabaco, etc. e os clandestinos ou encapitados que são os mais numerosos e temerarios, como o do bacalhau, do sulfato de cobre, do enxofre, e do fornecimento de tantas outras coisas que julgamos desnecessario enumerar.

Até ha quem pretenda monopolisar o jogo nas praias!

O monopolio é sempre prejudicial porque encarece o genero, mas torna-se desenfreado quando, como acontece com o dos phosphoros, os felizes concessionarios não cumprem as clausulas a que se obrigaram.

E que diremos da desmedida ganancia dos fornecedores?

Está-se vendendo um genero, por exemplo a 200 reis o kilo. O governo lança um imposto de 10 reis em cada k. de mercaderia. Tanto basta para que o fornecedor eleve o preço d'essa mercaderia de 200 reis a 220 ou 240 reis!

E este preço raramente baixa embora haja motivos para isso.

Veja-se o que tem sucedido com a maior parte dos materias e generos por ahí expostos á venda e que encareceram em virtude do agio das libras e alterações cambiaes.

As libras baixaram e o cambio melhorou, mas subsistiram os preços que por aquelle motivo haviam sido elevados.

Todas as classes soffrem com os monopolios e especulações mais ou menos gananciosas dos fornecedores, mas em quem mais se fazem sentir estas verdadeiras extorções é no proletariado e na classe agricola.

Esta, sobre tudo, encontra-se em condições verdadeiramente desesperadas.

Industriaes e negociantes, quando o julgam necessario, tem um meio simples de augmentar os lucros. É uma questão de percentagem.

Mas o lavrador esse vê-se entre a espada e a parede.

Elle, coitado, nem sequer pôde, como o artista, fixar umas tantas horas de trabalho por dia.

Meireja de luz a luz e quantas vezes de noite para arrancar ao seio da terra os fructos que hão de pagar, quasi sempre bem mal, o seu arduo trabalho.

E como se lhe não bastasse consumir as suas forças nesse constante labutar em que alterna o amanho das terras com a guarda dos seus queridos fructos a que a passarada e os ratoneiros lhe fazem constante escico, ainda vê encarecer constantemente os generos de primeira necessidade, indispensaveis ao seu sustento e de sua familia, vendo-se na necessidade de se privar d'elles, arruinando assim a saude por uma deficientissima alimentação e um trabalho excessivo e penoso.

Alem d'isso, para tirar todo o resultado do seu trabalho, isto é, para que as colheitas sejam remuneradoras e possam os generos competir em qualidade e preço com os das nações mais adelantadas em agricultura, precisa de seguir os processos modernos e scientificos de cultura e então é que elle se vê em dificuldades insuperaveis.

Elle, infeliz, não sabe ler e por isso não pode acompanhar esses progressos scientificos apreiguados em livros e jornaes; nem os governos lhe fazem chegar ao seu conhecimento esses processos por outros meios, como sejam as missões agricolas, os campos experimentaes annexos ás escolas onde se devia ensinar praticamente rudimentos de agricultura.

Se é um pouco illustrado e quer mandar analisar as suas terras, fica-lhe isso por um preço que lhe aborve os lucros de um ou dois annos de colheita.

Se quer comprar machinas agricolas, só as encontra nos grandes centros, se encontra, e por preços fabulosos a que só pôdem chegar os abastados, porque tudo vem de fóra e paga direitos excessivos.

O sulfato de cobre e enxofre, indispensaveis para salvar as vinhas do mildio e oídio estão monopolizados por meia dúzia de poderosos negociantes que combinados procuram multiplicar as suas fortunas á custa da ruina dos que os enriquecem.

Os generos de primeira necessidade, nas mãos de especuladores ambiciosos, bastando citar para exemplo o bacalhau, que ficando posto em Lisboa com direitos pagos por uns 120 reis o kilo, é vendido nas tendas a 280 reis!!!

E para cumulo de exploração, o unico producto de que o lavrador tira alguns lucros — o vi-

nho—tem fraca saída, pela desleal concorrência dos vinhos hespanhoes embarcados como portuquezes e pelas *mixordias* que negociantes pouco escrupulosos exportam, desacreditando-o; no paiz tem pouco consumo porque se consente a venda de vinho e vinagre artificial, e como se isto não bastasse, muitas vezes os negociantes da especialidade mancomunam-se para fazerem baixar os preços.

Guerra pois de morte aos monopolistas e syndicateiros.

Mas como?

Gastando o menos possivel d'aquillo que elles nos querem impingir por preços escandalosamente excessivos, de fórma que por falta de consumo se vejam na necessidade de venderem mais barato para desoccuparem os armazens.

Assim já se fez este anno com o sulfato de cobre; e, se tanto fôr preciso, é abster-mo-nos completamente de consumir essa ou outra substancia até que os monopolistas se rendam, assim o diz o «Arcoense».

CARTA

Monsão, 25 de julho de 1899.

Vemos com prazer que o collega vae em via de restabelecimento; no entanto receamos uma recabida. Reprovamos as sangrias; veja antes se o homem lhe receita uns cosimentos de *quina e serpentaria*.

—Parece que o collega não gostou do *atestado de bom comportamento* que o jornalista do «Regenerador» passou ao nosso amigo snr. conductor-chefe! Menos deveria gostar o nosso amigo, porque certos elogios mais prejudicam que beneficiam, atten-

doendo á fonte d'onde manam.

A proposito, um caso. Achavamo-nos uma tarde na alameda dos Nerys em companhia d'alguns amigos, quando um d'elles nos dá os parabens por termos conseguido este proselyto para a causa que defendemos.

—Dreyfus, dizia, teve Zola e Bernard Lazare; o seu amigo tem o Theodolito e este *Lazaro*.

—Ouvimos silencioso quando um outro amigo grave, circumpecto, porte marcial, enter-

—Tem pouco porque se orgulhar, Theodolito; mais lhe valia só que mal acompanhado.

—Pois não conheceu o defensor?! É facil; qualquer o pode ver atravez d'uma peneira e para o encontrar não é necessario a lanterna do Diogenes basta um archote ou mesmo um brandão... apagado.

Envergonhamo-nos e resolvemos repudiar a camaradagem. Ora vae, depois, o collega toma o *atestado a serio* e trata de refutar as *provas do jornalista*.

É o que elle quer e antes de muito vel-o-ha metter os pés pelas mãos, chamando branco ao preto, resvalando para a verrina e insulto, predicados em que é eximio.

Mas acho-lhe razão quando chama ao collega covarde e *noviço*. Sim, o valente jornalista já tem sido *experimentado* varias vezes, pode portanto fallar com auctoridade. E diz que o vae deixar em paz, pois o collega diga com Garrett:

«Em paz e ás moscas», ou, como Tolentino, mande-o

«Pastar longas campinas livresmente»

E a não fazer assim, o collega antes de muito, como o mesmo poeta:

rente á transformação que se operava em Bertha examinar de novo o anel.

— Se me não engano, snr. D. Antonio—proseguiu com voz pousada, mas grave—já vi em em outro dedo um anel igual ao de v. snr.º

O fidalgo estremeceu. Eguall!—exclamou em sobresalto.

Bertha indireitou-se como se fóra uma estatua.

—Egual, sim, snr. D. Antonio!

—É impossivel! Minha mãe.. D. Antonio estava verdadeiramente agitado de espirito.

A volha não se illudira.

(Continua)

FOLHETIM

(14) HENRIQUETA

UMA HEROINA DO SEculo XIX

Havia uma hora que D. Antonio esperava Henriqueta. Impaciente, cu antes incommodado com a athmosfera calorosa e pesada do gabinete, o fidalgo tocou uma campainha e Bertha acudiu ao seu chamamento.

— Não posso permanecer por mais tempo aqui — disse D. Antonio, limpando o suor que lhe corria pelo rosto.

— V. snr.º padece de falta do ar...

— N'uma estufa como esta...

— É com effeito, faz aqui hera calor.

D. Antonio mostrava-se cada vez mais incommodado.

— Se v. snr.º quer dar um passeio no quintal—disse Bertha—eu vou abrir a porta.

— Sim...só ahí respirarei livremente.

Sem dizer mais palavra, Bertha correa a abrir a porta que conduzia ao quintal, e a qual ficava ainda a alguma distancia.

D. Antonio foi-lhe seguindo os passos, mas de um modo vagaroso. Quando Bertha voltava apressada a prevenir o fidalgo, este ia já no meio do caminho.

Seguiram ambos.

D. Antonio sentiu-se como que voltar á vida ao respirar livremente.

Bertha seguia adiante, e a pequena distancia debaixo de longa raiagem de uma formosa videira indicou ao fidalgo um banco. D. Antonio não recusou o of-

terecimento: sentou-se.

— Depois que vamos para velhos, vem todos os achaques... eu tambem padeço da falta de ar e quando me vejo abafada entre quatro paredes, sinto-me, incommodada a tal ponto, que não enganarei a v. snr.º dizendo que d'esses incommodos me tem resultado mais de mil desmaios. Mas graças a Deus, outros têm márchado primeiro para a eternidade com ataques mais pequenos.

Assim fallando, Bertha, não despregara os olhos de um anel que D. Antonio trazia no dedo.

O fidalgo ouvira as considerações da velha com a maior indifferença. Mas não deixou de reparar na maneira porque Bertha, baixando cada vez mais a cabeça, attentara no anel, que elle tambem contemplava.

— Se v. snr.º me desse li-

cença...—disse Bertha, sorrindo.—Traz um anel muito bonito...

D. Antonio como que estremeceu. A curiosidade de Bertha era demasiado impertinente para o seu genio de fidalgo; mas por condescendencia accedeu ao desejo d'ella.

É um anel de um valor inapreciavel para mim.

— V. snr.º que usa d'elle.. Talvez...

E ficou-se na reticencia.

É uma prenda de minha mãe.

Bertha attentou mais no dedo do fidalgo.

— Não ha duvida — observou com admiração—é um anel formoso, um anel...

Bertha deteve-se de novo na reticencia, mas d'esta vez fel-o com uma especie de panno.

D. Antonio não foi indiff-

Grita e os olhos em brasa:
Que te fechem a tua casa
E que te sangrem na testa.

O olhe que só fechado e san-
grado é que poderia calhar-se.

A sua Valladares, caro R.,
vae nas ondas do progresso, opu-
lenta com dons correspondentes.

Como todos queriam saber
quem era o tal Seije do «Jornal
de Melgaço», procuramos um il-
lustro cavalheiro da terra dos
iconoclastas para um interviu.
Accedeu de beamente, fallando-
nos por imagens e em sentido fi-
gurado, mas ainda assim pela ara-
gem nos mostrou quem ia na car-
rugem.

A carta não ia aberta, não
senhor, disse-nos.

La devidamente selada e
estampilhada; mas não foi tal pelo
cercio, seguiu a via humida d'um
regato ou pequeno... ribeiro. De-
mais você conhece o auctor: E' ty-
po já grisalho e do talho d'un es-
partalho. E se—nihil prius fide—
abi vae um naco da sua prosa:

Encaderna-se bem e, a não
ser mais, veste um fato usado no
verão, como no rigor do inverno
um capote, calça umas estafadas
charras e ahí temos um typo ha-
bilitado para a lesa conveniencia
e apto para fallar de tudo... etc.

Aquí heuve engano—lapses
calom; o Seije queria fallar d'el-
le mesmo e dizer:

Encaderna-se bem a não ser
mais; veste umas calças rubras no
verão, e no inverno uma capa hes-
panhola já queimada, calça uns
remancos e ahí temos um typo
habilitado para fallar de todos...
etc.

Olhe que o nosco te apenem
tem actualidade, e o homei co-
hece-se.

Agora diga ao seu collegn
que deixe em paz a mythologia e
saquamos antes votos para que não
surja por ahí algum Apollo que se
lembre de n'fligir ao Seije o cus-
tigó que intelligiu áquelle pobre
rei Midas. Refiro-me ás orelhas,
percebe?!...

O nosso collega conta que
um ex-providor da Santa Casa de
Valladares queria ser riscado e
aconselha-o a que seja antes pan-
no-cão.

E' pouco, pois sendo como é,
brufazenda, deve ser pelo menos
ginguão a não poder ser picotinho.

E agora reparamos que por
causa d'estas quistões que nos são
extranhas, deixamos o nosso ami-
go sem defeza, porem não mette-
remos tão cedo loice em seara
afneia; contudo o nosso constitu-
tante não perderá com a demora.
Breve continuaremos na fran-
ca d'elza de s. ex.ª.

Louvamos a camara pela
resolução de mandar tocar a nossa
excellente banda ás 5.ª-feiras e
domingos na praça Deu-la-Deu;
propotocionando d'esta forma um
agradavel passatempo aos feres-
teiros.

Encontra-se n'esta villa a
uso de thermas o sr. Pleutherio
Ribeiro, de Vianna, irmão do nos-
so amigo sr. dr. Victoriano Ri-
beiro.

Regressou do Brazil o sr.
Jeremias Alves, de Riba de Mou-
ros.

Regressou do Porto o sr.
João Antonio de Pinho e sua ex.ª
esposa.

Está entre nós e sr. Au-
gusto d'Abreu Rocha e Sá, da
Vallinha.

Encontra-se em Coimbra o
sr. Antonio Marques Passalunghi,

digno e zeloso conductor-chefe
d'obras publicas n'aquella villa.

Theodolito

Valladares, 24 de julho de 1898.

Volta o «Regenerador», de
Monsão, com a sua irrefutavel de-
feza em favor do chefe da 3.ª sec-
ção de construcção. E dizemos
irrefutavel, porque em nada nos
contradiz e portanto não podia ser
melhor deduzida.

E quanto aos insultos que
nos dirige, pelos habitos que o
distinguem, ficaram muito áquem
da nossa expectativa.

Nada pois temos que contra-
pôr ás suas allegações, porque ta-
citamente se conforma com tudo
que aqui temos exposto.

Apenas pretende passar-nos
um diploma de ignorante, por en-
tender que desconhecemos que esse
empregado publico pôde obter
licenças particulares ou registra-
das, que lhe permittam permane-
cer afastado da localidade onde
officialmente lhe é imposta a sua
residência.

Mas o que nos não diz o de-
fensor (?) é quantos despachos pa-
ra tal fim têm sido referendados
pelos ministros que d'esde 1893
têm occupado o ministerio d'O-
bras Publicas.

A não ser a licença que ob-
teve em 4 de maio do corrente
anno, outra não encontramos no
«Diario do Governo».

Mas do que nos não esclare-
ce é quantos dias pode o sr.
director dar de licença aos seus
subordinados e o espaço que tem
de mediar entre as licenças que
lhes concede.

Parece-nos que não podem
clear-se a mais de 8 dias, e não
em todos os mezes de cada anno.

Mas do que nos não faz sci-
ente o habilitado jornalista é de
quem substituiu o conductor Mot-
ta, na secção de que é chefe, du-
rante todo o tempo que tem per-
manecido no conselho de Monsão.

Nos dois mezes de licença
que, em 4 de maio ultimo, lhe fo-
ram concedidos por despacho mi-
nisterial, tomou conta da 3.ª sec-
ção o engenheiro sr. Caetano Ma-
ria d'Amorim.

Mas o conductor Motta foi
colleado na referida secção em
1893, ha seis annos, e pode-se af-
firmar que, durante todo esse tem-
po, não residiu um anno comple-
to em Coira, embora se contem
25 dias que por lá apparecia de
visita.

Ora, não podendo ser-lhe
concedida licença para abandonar
o seu posto por tanto tempo, pro-
vado está que a 3.ª secção de
construcção, foi abandonada pelo
seu chefe, que faltou ao cum-
primento dos seus deveres, com-
mettendo abusos inesculpaveis e
perniciosos para o publico e para
o Estado; tendo somente o incom-
modo de assignar em sua casa os
trabalhos realisados pelo pessoal
da sua secção e a folha para re-
ceber integralmente o seu ordena-
do e mais ajudas.

Conheça o «Regenerador»
que muitas vezes noticiou as che-
gadas e partidas do chefe da sec-
ção d'obras publicas em Coira;
mas de maneira a querer insinuar
que dava as chegadas e partidas
d'este empregado, de Coira e pa-
ra Coira.

Las carcs ni meos podio dar

essas noticias porque o seu con-
heido poucas vezes se sacrificava a
dar-lhe occasião para isso.

O que muitas vezes teve en-
sej de noticiar, foi a sua com-
parencia á villa de Monsão; mas
da forma seguinte:

«Esteve entre nós o sr. Au-
tonio Marques Dias Motta, da
Vallinha.»

«No ultimo mercado vimos
n'esta villa o sr. Antonio Mar-
ques Dias Motta, de Ceivães.»

«Esteve terça-feira n'esta
villa o sr. Antonio Marques Dias
Motta, da Vallinha, Ceivães.»

Assim é que vomocê fallava,
seu esinio ebrianciro: dava o che-
fe da secção d'obras publicas em
Coira, como residente na Vallinha,
de Ceivães.

O que muitas vezes noticiava-
ram estas chegadas e partidas;
que boa partida é a que o «Re-
generador» lhe está pregando com
a sua defeza.

Chama-nos joven e inexpe-
riente jornalista. Diz bem, habili-
tado homeni: não somos versados
no embuste, nem vimos com sub-
terfugios para comprovar as nos-
sas asserções.

Procuramos sempre o cam-
inho da verdade e da razão que
nos dá forças para seguirmos in-
temeramente.

Fique o habilitado jornalista
com essas experiencias e habilida-
des, que nós não queremos; nem
d'ellas precisamos.

O habilitado jornalista quasi
chegou o nariz á nessa porta;
olhou, farej a, mas não encontrou
em que morde; fugiu vergorho-
samente, distribuindo o epitheto
de covarde, sem reconhecer que
nas costas tinha estampado em
alto relevo esse nome que todos
leram.

E se covardes são vis, ahí
tem um qualificativo bem gradua-
do.

E que melhor nome pode
merecer quem pretende cobertiar
actos indignos e criminosos?

Quero não encontrarmos que
tão bem lhe diga; a não ser que o
experiente homeni do «Regenera-
dor» julgue o seu protegido um
idiota ou mentecapto e portanto a
cobertiar de qualquer censura ou
accusação.

Se assim é, diga-o franca-
mente, que acatremos a sua opi-
nião, por partir de pessoa ames-
trada em assumptos de tão alta
transcendencia.

Dixamos ainda de fallar so-
bre alguns pontos do seu aranzel,
mas tomamos nota d'essas omis-
sões para quando haja opportuni-
dade.

Volte de novo e não se es-
queça de vir acompanhado com o
farnel de t das as suas afeivosias,
excusando pedir desculpa, porque
o jornalista do «Regenerador» es-
tá habilitado e tem licença para
dizer tudo.

Na noite do dia 22 houve
n'esta villa uma scena de pugila-
to entre dois empregados publicos
que há tempos se andam satyri-
zando.

Conta-se que os estragos fo-
ram importantes, attenden to á
pouca resistencia que offereciam
os canavros; mas maiores seriam
se alguns cavalheiros não conse-
guissem separal-os, pois brigavam
encarniçadamente.

Que furia, se assim não fos-
se!

Fazemos votos para que não
voltem a praticar actos d'estes;

tanto mais por partirem de em-
pregados empoleirados nos ramos
do mesmo tronco.

Ainda outra vez nos ve-
mos obrigados a pedir mais aten-
ção, quando se proceda á com-
posição e revisão typographica
dos nossos escriptos; pois é rara a
carta que não vem com troca, falta
e acrescimo de letras, que
dão logar a palavras incorrectas e
transformam o sentido da phrase.

Na nossa carta do ultimo nu-
mero, apparecem diversos erros,
que não indicamos porque facil-
mente serão corrigidos pelo leitor
intelligente.

R.

CHRONICA DA SEMANA

Domingo, 23 | 7 | 99.

Continua irregular o tempo,
com sensiveis alterações de tem-
peratura. Dias de um calor extra-
ordinario, mal se podendo sair á
rua, e outros frescos de mais, pa-
ra a quadra que estamos atravessa-
ndo.

A semana foi pobre em no-
ticias:—Festividades, o incendio
na igreja de Castro Laboreiro e a
prisão de um empregado da Com-
panhia dos Tabacos. Os meus lei-
tores já estão sabedores de todos
estes acontecimentos. E já que ful-
lei em festividades, vou reprodu-
zir-lhes a que um concelhado
diario portuense o «Correio da
Manhã n'uma local «Ephemerides
religiosas diz de Santa Marinha
que se festejou em Rouças, como
sabem, na terça-feira.

Era filha unica de um gen-
tio que adorava os idolos. Sendo
baptizada, deram-l'a a crear n'u-
ma cidade a uma legua de Antio-
chia. Aos 15 annos ouviu as Ba-
tallas dos Santos Martyres e en-
tregou-se devotamente a Jesus
Christo. Apascentando a virgem
as ovelhas de sua avoa, aconteceu
passar por Antiochia, Olibrio, pre-
sidente pelos Romanos, que ao
ver a nascorã-se d'ella e disse
aos creados:

—Tazei-me aquella moça
e perguntae-lhe se é livre ou ca-
pitiva, porque se for, eu a compra-
rei ao seu senhor e a receberei
por mulher.

Langando os creados mão
d'ella para a trazerem a Olibrio,
Marinha pediu socorro ao Senhor.

Os creados foram dizer ao
presidente:

—Sabei que nunca esta mo-
ça se afeioará a vós, porque serve
e adora a Jesus Christo.

Irado, Olibrio chamou-a á
sua presença:

—Diz-me se és livre ou es-
crava?

—Sou livre, mas escrava
de Jesus Christo. O meu nome é
Marinha.

—A que Deus adoras?

—Invoco e nome do meu
Senhor Jesus-Christo, a elle ado-
ro com o Padre, e Espirito San-
to.

—D'essa maneira chamas-
tu pelo nome de Jesus Christo a
quem os meus antepassados cru-
cificaram?

—Os teus antepassados cru-
cificaram a Christo, e por isso pe-
receram; mas Christo permaneco
para sempre.

Olibrio então mandou-a pren-
der, para inventar maneira de
violar-lhe a virgindade. No dia se-
guinte esentou-se na cadeira ju-

dicial e mandou chamar a Santa.

—Compadeço-me da tua
formosura. Consegue commigo,
adora os deuses e alcanças mui-
tos bens.

A Santa respondeu:

—Não moverás meu propo-
sito nem me apartarei do cami-
nho por onde comecei a andar.

Então o idolastra mandou-a
pendurar e açoitiar cruelmente.

Como ella preserverasse, eu-
carcerou-a, depois mandou-a des-
pir e estender em umas grelhas e
queimar. Mas o fogo não lhe fez
mal. Lançaram-n'a, atada de pés
e mãos, n'um tanque d'agua, mas
por virtude divina foi desatada e
não se afogou.

Muita gente, e lificada, se
converteu entã, pelo que o juiz
mandou degolar a Santa e todos
os mais que creram em Christo.

Ainda se ignora como se ate-
ou e fogo na igreja parochial de
Castro Laboreiro. Os prejuizos são
calculados para cima de um cou-
to de reis. O templo nada offere-
cia de notavel. Esta igreja foi
primitivamente vigairaria da ma-
triz de Ponte de Lima e depois
abbadia do bispo de Tuy, que
João Fernandes Sotto Maior tro-
cou em 1308 com o nosso rei D.
Diniz.

A fundação de Castro Labo-
reiro é attribuida a S. Rozendo,
neto de Hermonegildo; e a igreja
pôde ser que fosse fundação do
mesmo.

O que é certo, é que varios
reis concederam aos habitantes
de Castro Laboreiro muitos pre-
vilégios, que D. João V. confir-
mou, e entre estes o de não ser-
virem ao rei.

Hoje os castrejos estão vo-
tados ao abandono, devendo lue-
tar com difficuldades para accu-
dir aos grandes prejuizos, que o
fogo lhe causou na igreja.

São pcherrissimos, tendo de
emigrar nos fins de S. Miguel pa-
ra o Douro e Beiras, regressando
no mez de junho—para fazerem
os trabalhos agricolas da colheita
e cultura do centeo e batata, uni-
ca producção de Castro Laborei-
ro.

Na segunda feira, como sa-
bem, deu entrada nas cadeias d'es-
ta villa um agente da Companhia
dos Tabacos. Podes nós conhece-
mos as proezas d'estes empreg-
ados. O publico está constantemente
a queixar-se das suas arbi-
trariedades, e é preciso que vão
surtindo effeito as suas queixas,
aliás justissimas.

Devia ter começado esta hu-
milde chronica—mas ainda vae a
tempo—por complimentar Mgr.
Almeida Silvano, pela sua visita
ao «Jornal de Melgaço» e dizer-
lhe que, para arvorar-se em de-
fensor das acreditadas aguas do
Peso, não é preciso manifestar em
publico seu modo de pensar acer-
ca dos melgacenses, que não são
fultos de patriotismo e que muito
prezam esta terra, tendo traba-
lhado para o seu engrandecimen-
to confinas, cabe em suas forças.

A noticia dada n'este jornal
é a que s. ex.ª se refere não teve
em vista censurar os donos d'este
hotel, como quiz deduzir, nem
houve falta de primor para com
os mesmos.

D'isto fique convencido Mgr.
Almeida Silvano.

Com respeito aos seus desejos de ver os melgacenses unidos, devo dizer-lhe que nos faz muito favor o deixar-nos viver a nosso modo! Cumpre-me também dizer-lhe que os melgacenses fazem o que podem, para que Melgaço prospere, sem precisarem de insinuações.

Não são faltas de amor patrio: não amam somente o appetitoso presunto; amam também a terra que os viu nascer. Sobejas provas tem dado, como Mgr. Silvano não ignora, porque já por diferentes vezes tem visitado Melgaço e conhece os seus melhoramentos, que a mais ninguém se devem, senão ao melgacenses.

E descreve a sinceridade das minhas palavras.

Um melgacense.

NOTÍCIAS & LOCAES

Aos nossos assignantes

Como está a terminar o 3.º anno do «Melgacense» brevemente vamos proceder á cobrança das assignaturas d'este jornal, rogando desde já aos nossos presadissimos assignantes satisfaçam a sua importancia, quando lhes seja apresentado o recibo, afim de nos evitarem nova despeza de cobrança.

Exames de instrução primaria

Começam no dia 1 do agosto os exames de instrução primaria no lyceu de Vianna.

Faz parte d'estes exames o snr. Antonio Victorino da Cunha, intelligente professor de Paços d'este concelho, pelo que o felicitamos.

Festividade

No sabbado realizou-se na egreja parochial de Chaviães, a festividade de Santa Maria Magdaluca.

No domingo, em S. Paio, a festividade de S. André, que foi feita com toda a pompa e luziamento sendo abrihantada pelas duas philharmonicas «Velha» e «Nova».

Na terça-feira realizou-se em Pomares, da freguezia de Paderne a festividade de S. Thiago, tendo lugar a feira annual na forma do costume.

A Folha de Besteiros

Recebemos este jornalinho litterario, noticioso e churdistico, que se publica em Tondella, Agradecemos a visita.

O Tempo

Segundo as provisões de Escolastico, hoje voltarão a sentir-se as trovoadas que percorrerão Portugal e algumas provincias hespanholas. De hoje a 29 o calor reinará em França, Alemanha, Austria, sul da Inglaterra e Russia, e na península, tor-

nar-se-ha fortissimo. Em 29 e 30 far-se-hão sentir as trovoadas em Santander, Vascongadas, Navarra e Galliza.

Portugal Agricola

Recebemos o n.º 11 d'esta revista dedicada aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura, acompanhada de um pequeno supplemento em que recommenda aos lavradores a «Cartilha de formulas de adubos para diversas culturas».

Custa apenas 200 reis, e é um livrinho muito util para os nossos lavradores.

Luctuosa

Victimada pela tuberculose, falleceu no sabbado, a filha mais velha do snr. José Mendes, d'esta villa. Contava apenas 18 annos.

Apresentamos a sua familia os nossos sentimentos.

Emolumentos parochiaes

A tolha official publicou a seguinte portaria:

«Tendo-se suscitado duvidas sobre se os emolumentos que os parochos percebem pelas certidões de nascimento, de casamento e obito, extrahidas dos livros do registo parochial, devem ser sujeitos a contribuição industrial por meio de estampilhas, ou se lhes é extensiva a disposição do n.º 3.º do art.º 5.º do regulamento de 16 de julho de 1896 que isenta da mesma contribuição os proventos do culto; manda sua magestade el-rei que os referidos emolumentos se considerem comprehendidos na citada isenção.»

Livros uteis

CÓDIGOS:—do Processo Commercial, 160; de Posturas do Municipio de Lisboa, 200; de Justiça Militar, 200; Penal, 200; Administrativo, 200; dos Proprietarios, 200 reis. **REGULAMENTOS:**—do Contencioso Fiscal, 200; da Contribuição Industrial, 200; da Contribuição de Registo, 200; da Decima de Juros, 120; das Execuções Fiscaes, 200; da Administração da Fazenda Publica, 300; de Ensino Primario (completo), 300; do Recrutamento Militar, 200; das Associações de Soccorros Mutuos e do Processo perante os Tribunes Arbitraes, 100; do Imposto do Real d'Agua, 200; da Arborisação e Policia das Estradas, 200; do Registo Predial, 200; dos Solicitadores, 200 reis. **ALICIBANOS:**—dos Juizes de Paz e seus Escrivas 200; dos Parochos, 400 reis. **LEIS:**—do Sello, 200; de Imprensa, 120 reis. **OBRAS DIVERSAS:**—Arquivo dos Lavadouros, 400; Guia dos Regedores e Juntas de Parochia, 240; Manual do Senhorio, segundo da carta de lei de 21 de maio de 1896, que estabelece o processo do despejo e formulario de requerimentos para o mesmo em, 200; Manual do Vercador, 400; Penho de Notas Uteis aos Escrivas de Direito, 400; Tabela dos Emolumentos Juiziciaes, 200; Legislação Varia, referente ao exercicio do poder judicial, promulgada de 1890 a 1896, e synopse da legislação da mesma indole, de 1896 a 1897, 300; Roteiro das Ruas de Lisboa, 120; Procurador do Contribuinte Industrial, 200; Diplomas Legislativos, (com

aplicação ao exercicio do poder judicial, aprovados na legislatura de 1890), 250. Indice da Legislação Portuguesa, publicada de 1 de janeiro de 1880 a 31 de dezembro de 1897: anno ou 24 fasciculos, 800; Correio dos Tribunes, semanario de legislação e jurisprudencia, publicado em sumula ou na integra todas as leis, decretos e portarias, etc., que saírem durante a semana no Diario do Governo: assignatura, por semestre, 750. — Pedidos á Bibliotheca Popular de Legislação, Rua da Atalaya' 183. 2.º-Lisboa. — Succursal, no Porto, Largo dos Loyos, 44-45.

CARTEIRA

Foi a Monsão, d'onde já regressou, o snr. dr. Manoel Fernandes Pinto, integerrimo juiz da comarca de Monchique.

— Ao Porto, d'onde regressou, o snr. Luiz Manoel Solheiro, respeitavel cavalheiro de Prado.

— Vimos n'esta villa, na segunda feira o snr. Manoel Pereira d'Eça, muito digno tabellião, de Valladares.

— Tambem vimos no mesmo dia o snr. José Antonio Barbeitos, da Ponte de Mouro, de Mossão.

— Foram no domingo a Monsão, os snrs. José Ferreira Lascas, Antonio Philippe de Barros, Jayme d'Almeida, Miguel Cunha e Manoel José da Costa, d'esta villa.

— Regressou de Lisboa, afim de descansar das lides escolares, o snr. José Albano Pires, d'esta villa.

— De Vianna tambem regressou o snr. José Augusto Pires.

Horas de solidão

SONHANDO...

Foi hontem.

Um pensamento sinistro annuviava-me o coração. Soffria, sem saber de que. Por duas vezes sentei-me á banca, para escrever. Não podia. O meu desespero era grande:—não queria ser apodado de mandrião, pelos meus queridos leitores, sem justa causa. Desidia alguns livros da minha pobre estante, quando me bateram á porta. Foi abrir. Retorcei assustado, porque tinha na minha presença um mascarado.

— Não se assuste — foram as suas palavras.

No relógio do antigo castello acabava de soar meia noite. O desconhecido aproximou-se da banca onde estava coltozado um tosco candelabro, e apagou a luz. Cheio de panno, nada lhe disse. O meu susto redobrou.

Estava arrependido de não ter sido mais cauteloso. Mas que fazer n'esta conjunctura? Esperar pelas consequências. O desconhecido não se movia; eu tambem permanecia firme, como uma estatua. Horriavel situação a minha!

Era preciso que esta scena infernal acabasse. Eugallinhar-me n'elle, foi a minha primeira lembrança.

E seria eu feliz na lucta?

Esta ideia vinha desluzer a primeira. O provocal-o seria me-

nos previdente, porque podia estar armado. A paciencia ia-me faltando, mas em compensação ia ganhando animo. Com a voz tremula, perguntei-lhe:

— Que pretende de mim?

Repeti a pergunta. O silencio é que estava encarregado de responder-me. Olhei eia roda do meu quarto, e via só trevas. Foi então que levando a mão ao bolso, tirei uma caixa de phosphoros, e muito atrapalhado, accendi todos os phosphoros que a caixa continha, e qual não o meu espanto, quando vejo um corpo haqueado no chão! Accendi a luz e aproximei-me do corpo. O dominó com que estava mascarado, era um habito da *Ordem Terceira*...

Reconheci que não estava morto e que não passava de um cobarde, a quem faltou a coragem, talvez, de praticar um crime!...

Tirei-lhe a mascara, mas tão sem precaução, que lhe arranquei alguns cabellos da sua pera, que muito se parecia com a de um bôdel!...

Ajoellou-se-me aos pés e pediu perdão. Afastei-me e apontei-lhe a porta por onde tinha entrado, sem lhe dizer uma unica palavra.

Foi este o meu soaho, que attribuo a um amigo meu, dias antes, me ter fallado n'uma reliquia *surrupida* por um rato de um convento de franciscanos *capuchinhos*!...

Melhor me não tivesse fallado na reliquia!

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

N'este juizo o pelo 2.º officio correm editos de 30 dias a citar os interessados José Joaquim Pires e Manoel Pires, solteiros do lugar da Mouriga, freguezia de Christoval e auzentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil para fallarem e assistir a todos os termos do inventario a que se procede por obito de seu pae Francisco Douteiro, sem prejuizo dos termos do mesmo processo.

Melgaço, 14 de julho de 1899.

Verifiquei

O juiz de direito.

Mendes d'Alcantara

O escrivão,

Antonio Severo de Freitas

Arrematação

2.ª Praça

No dia 30 do corrente mez, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, serão arrematados por metade do seu valor, por ser a segunda praça, os seguintes, não arrematados na primeira:

Leira do Esporão, de pão e vinho, 7:000 reis; Coutada de Pertas, de pasto e matto, 35000 reis; Campo do Val, em 3 socalcos, de pão e vinho, 75500 reis; o direito á 3.ª parte do Campo do Lavadouro, de pão e vinho, 55750 reis; o direito á 3.ª parte da Coutada de Porta Reis, em 25500 reis, e o direito á 3.ª parte da Coutada de Porta Carvalho, 38000 reis, esta e aquella de matto e lenha, sendo d'ellas, e da do Cam-

po do Lavadouro, usufructuario o pae e sogro dos executados. Todos estes bens sitos em Penso, penhorados aos executados Manoel José Esteves Cordeiro e mulher, da dita freguezia, na execução que lhes move Agostinho Fernandes de Barros. Os interessados desconhecidos são citados para os fins legais.

Melgaço, 24 de julho de 1899

Verifiquei

Mendes d'Alcantara.

Comarca de Melgaço

N'este juizo, foi instaurado um processo de separação e bens requerido por Manoel Francisco Fernandes, contra sua mulher Maria Flores Domingues, ambos da villa de Castro Laboreiro, d'esta comarca, e por deliberação do conselho de familia foi julgada precedente a mesma separação.

Melgaço, 17 de julho de 1899.

O Juiz de Direito,

Mendes de Alcantara

O escrivão,

Antonio Severo de Freitas

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

ASSIGNATURA A VOLUMES MENSAES

Preço de cada volume:—brochado 600 reis.

Bellamente enc. em percalina, capa a preto e ouro, com o retrato do auctor, 800 reis.

A collecção é constituída pelos seguintes volumes, segundo a numeração que o proprio auctor lhe deu, quando edita las em sua vida:

I Canções — II Catão — III Merope e Gil Vicente — IV Romancero (1.º vol.) — V Frei Luiz de Souza — VI Flores sem fructo — VII D. Filippa de Vilhena, Tio Smaplicio e Fallar verdade a mentir — VIII Viagens na minha terra (1.º vol.) — IX Idem (2.º vol.) — X A Sobriahá do Marquez, As prophcias do Bandarra e Um noivado no Dalundo — XI Áreo de Sanct'Anna (1.º vol.) — XII Idem (2.º vol.) — XIII D. Branca — XIV Romancero (2.º vol.) — XV Idem (3.º vol.) — XVI Lyrica — XVII Fabelas e Folhas cahidas — XVIII O Alfageme de Santarem — XIX Portugal na balança da Europa — XX Da Educação — XXI O retrato de Yeaus, precedido de um *Ensaio sobre a historia da lingua e da Poesia Portuguesa*. — XXII Helena — XXIII Discursos parlamentares e Memorias biographicas — XXIV Escriptos diversos.

Os surs. assignantes receberão como brinde os dois ultimos volumes gratuitamente.

Veja-se o 1.º volume nas livrarias e no

RETRATOS

José Antonio da Rocha Cabral, com atelier de photographias em Melgaço, encarrega-se de qualquer trabalho n'este genero, garantindo a maxima nitidez e perfeição.

LOJA NOVA

DE

ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

ESPECIALIDADES PARA INVERNO

REQUERIDAÇÃO

PROPRIETARIO d'este estabelecimento chama a attenção de todos os seus amigos e freguezes para o enorme sortimento de fazendas e modas que acaba de receber proprias da presente estação. E, attendendo ás vantaj sas condições em que acaba de realizar as suas compras, garante ao publico uma grande redução de preços, taes como:

- Picotilhos de varios gostos, a 500 reis o metro.
- Sortido completo de casimiras, nacionaes e estrangeiras pretas e de cor, desde 15000 até 35000 reis o metro, o que ha de melhor.
- Córtes de calça, gostos lindíssimos, muito quatos.
- Grande variedade em castorinas, proprias para vestidos de senhora, que eram de 700 reis a 620 reis, o metro.
- Baetas xadrez e mescla, de diferentes gos os, que eram de 600 reis, vendem-se a 500 reis o metro. Outras ditas, que eram de 500, a 400 reis o metro.
- Magnificos corles de vestidos para senhora e creança, de pura lã, muito baratos.
- Panelas para camisa de homem, gostos variadissimos, que eram de 240 a 190 reis o metro.
- Echarpees de malha (pura lã) a 650 reis.
- Cachenês de merino e lã, a 800 reis.
- Camisas feitas, para homem, a 340, 400, 500 reis e mais preços.
- Ceroulas, a 240, 260, 280 300, 400 reis e mais preços.
- Algodões. Toalhas de feltro para rosto.
- Coras de lã e algodão, para homem, senhora e criança. Guardanapos a 30 reis.

- Chapeuz para homem.
- Espartilhos para collete de senhora, a 50 reis a cruzia.
- Guardesões. Colletes para senhora, a 650 reis.
- Toncas para creança, de varios gostos e feitios, 200, 240 e 320 reis. Lá em fio e de cor, propria para meias.
- Magnificos serviços para chá, e louça de diversas qualidades; especialidade em candieiros de metal e porcellana, proprios para mesa de sala; jarras de porcellana, gostos lindissimos; brinquedos para creança, em porcellana e castiçes de vidro.
- Esplendido sortido de gravatas, que eram de 240 a 180 reis e mais preços.
- Molduras douradas; p. pel. tintas e muitos outros objectos para escriptorio.
- Lenços grandes para mulher, a 70 reis.
- Merinos pretos e amures, a 500, 600 reis e mais preços.
- Panno enfeitado para lençoes, e finalmente, muitos outros artigos, tanto em fazendas como em mercaderia, que é impossivel enumerar
- Calçado para inverno, para homem, senhora e creança, com grande redução de preços.

PECHINCHA

Um suido de riscados que eram de 60 a 40 reis! Cutins de varios gostos, que eram de 80 a 60 reis. Uma coisa extraordinaria.

Machinas de costura da acreditada companhia «Singer» a prestações ou a prompto pagamento. Camas de ferro e lavatorios, pelo preço da fabrica.

Encarrega-se de seguros, contra incendios, da Companhia «A Commercial», de que é unico correspondente n'esta villa.

FUNERAES

Encarrega-se tambem de todos os serviços funebres pelos preços mais commodos e convidativos, assim como fornecimento de caixões de madeira, chumbo e zinco, armação da camara ardente, cera para os sahimentos, ornamentação d'egrejas, desde o mais simples ao mais luxuoso.

VENDER MUITO E GANHAR POUCO É O

SYSTEMA ADOPTADO

NA

LOJA NOVA DO ESTEVES

MELGACENSE

ESTABELECIMENTO COMMERCIAL

Na loja de FRANCISCO PIRES, conhecido pelo nome de FRANCISCO DE PAÇOS, encontrarão os seus numerosos freguezes um variadissimo sortido de generos, de mercaderia, ferro, ferragens, panelas de ferro e muitos outros artigos em mindezas, proprios para sapateiros, e tamanqueiros bem assim grande variedade em sola e cabedaes de todos as qualidades por preços sem competencia.

O dono d'este estabelecimento é unico agente do alquilador RODRIGO, e encarrega-se de todos os despachos de mercadorias, tanto para qualquer ponto de Portugal, como tambem para qual quer localidade do Brazil.

EMPRESA FUNERARIA MONSANENSE

Escriptorio rua Dr. Alvares da Guerra—Monsão

Esta Empresa, annuncia aos melgacenses que se encarrega de funeraes no concelho de Melgaço, como separadamente fornece caixões e aluga eças e armações por preços convencionaes e commodos.

Contrata funeraes de luxo, incluindo eça de madeira dourada.

Dirigir á Empresa Funeraria—MONAÑO.

C/FE MELGACENSE

PROPRIETARIO d'esta acreditada casa, previne os seus freguezes e o publico em geral que de hoje para o futuro se encarrega de qualquer encomenda e satisfaz promptamente quaes queres pedidos, taes como, champagnes, vinhos finos e de meza da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, liceres, cognacs, anizadas, refrigerantes Estacio, sodas, cervejas Bavieca e Pilsener, enfim, todas as variedades de bebidas alcoolicas e refrigerantes.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao proprietario.

JOSE CANLIDO LOEES—MELGAÇO

(Descontos para vender)

Segundo anno de publicação

publica-se na quinta feiras

MELGACENSE

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

Continente, anno.....	1:200	rs.
» » semestre....	600	»
Brazil anno.....	3:250	»
Colonia ».....	2:250	»

Na typographia d'O *Alto Minho*—Monsão. Imprimem-se facturas, memoranduns, bilhetes para rifas, prospectos e cartazes para theatro, participações de casamentos, convites e cartas funebres jornaes semanales em bi-semanas em qualquer formato.

Cartas funebres, mandados de pagamento, mappas para professores e outros impressos em deposito.

Cartões de visita, brancos desde 300 a 600 reis, de luto desde 600 a 15000 reis.

A administração do Melgacense encarega-se de qualquer encomenda

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Linha.....	30	rs.
Repetições.....	20	rs.

Annuncios permanentes preços convencionaes.